

SUE FORTIN

# FESTA DE ANOS MORTAL

A SURPRESA  
É... A MORTE

HarperCollins  
*Thriller*

**FESTA DE ANOS  
MORTAL**

**SUE FORTIN**



Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.  
Núñez de Balboa, 56  
28001 Madrid

Festa de anos mortal  
Título original: The Birthday Girl  
© Sue Fortin 2017

© 2021, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.  
Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers Limited, UK.  
Tradutor: Mariana Mata

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em  
qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers  
Limited, UK.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são  
produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer  
semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais,  
acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: Rudesindo de la Fuente - [www.rudydelafuente.com](http://www.rudydelafuente.com)  
Imagens de capa: Getty Images y Shutterstock

1ª edição: Setembro 2021  
ISBN: 978-84-9139-662-8

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

# Sumário

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Amigo](#)

[Capítulo 1](#)

[Sexta-Feira](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Sábado](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Domingo](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Segunda](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Terça](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Quarta](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Agradecimentos](#)

Às minhas adoradas amigas Laura,  
Catherine e Lucie que aceitaram  
sem hesitação o meu convite para  
passar um fim de semana fora, em  
prol da pesquisa

amigo

1. substantivo contável

Um amigo é alguém que se conhece bem e de quem se gosta, mas que não é parente.

2. substantivo plural

Se se for amigo de alguém, você é amigo dele e ele seu.

# Capítulo 1

As amizades são criadas a partir de todas as pequenas coisas que interessam, de pontos em comum nas vidas, interesses partilhados, amores, antipatias, altos e baixos. Importam e são importantes. Tal como estrelas num céu noturno, os amigos podem iluminar a escuridão. Às vezes podemos esquecer-nos de que estão lá e, ainda assim, saber que vão estar lá sempre. Outros podem surgir de repente, deslumbrando-nos com a excitação da novidade, seduzindo-nos com promessas de aventura. Uns vão cumprir essa promessa, outros vão fracassar, enquanto outros, ainda, vão disparar pelo céu noturno numa última volta antes de desaparecerem por completo das nossas vidas.

Penso nas minhas melhores amigas e posso contá-las pelos dedos de uma mão, ainda com dedos de sobra. A Joanne, a Andrea e a Zoe são as estrelas do meu céu noturno. Juntas formamos uma boa constelação. Mantemo-nos juntas. Tomamos conta umas das outras. Perdoamo-nos umas às outras.

Relembro-me deste último facto enquanto seguro o convite na mão, sabendo que deveria aceitar com graciosidade e maturidade o ramo de oliveira que representa.

*Queridas Carys, Zoe e Andrea*

*Celebração dos meus Quarenta Anos  
Gostava que se juntassem a mim num fim de semana  
de aventura tão cheio de mistérios e surpresas que nem  
conseguem imaginar.*

*Grande revelação na noite de domingo.  
Sexta, 8 de setembro - Segunda, 11 de setembro  
Encontro na Catedral de Chichester, 09h00 da manhã  
de sexta*

*Com amor,  
Joanne*

*P.S. Como também é o aniversário da Carys na  
segunda, achei que também podíamos celebrá-lo.*

Há dois meses, a Joanne tinha-nos dito para reservarmos a data, ou até mesmo o fim de semana, acrescentando que nos dava conhecimento do que ia acontecer mais perto da altura. Eu bem que podia ter alegremente ignorado o meu trigésimo nono aniversário, mas a Joanne tinha insistido muito para o fim de semana ser de dupla celebração. Apesar de ser o seu aniversário, insistiu também no facto de o fim de semana inteiro ter de ser uma surpresa para mim. Tinha esperado que soubéssemos previamente dos detalhes, e tenho de admitir que acho que deixá-los para a noite anterior é muito em cima da hora, mas ela recusou-se terminantemente a dar-nos quaisquer pormenores até então.

Viro o cartão e vejo uma mensagem escrita à mão, com a inconfundível letra pontiaguda da Joanne.

*PPS.: Sei que as coisas ultimamente têm andado  
difíceis, mas é preciso que se façam emendas. Vem, por  
favor. É importante que estejas presente.*

Sento-me à mesa da cozinha e volto a ler o convite. Não sei bem de que é que trata a nota na parte de trás, mas

soa... estranha. Acho que é a melhor forma de descrevê-la. Reflito sobre a sua importância, mas antes de conseguir chegar a alguma conclusão significativa, o meu telemóvel toca.

O nome da Andrea Jarvis aparece no ecrã.

— Oi — digo a descalçar os ténis de corrida. Pedacos de lama seca da minha corrida da tarde pelo campo espalham-se pelo chão de mosaico como flocos de neve sujos. Suspiro interiormente perante a asneira. Às vezes pareço o meu filho adolescente, a fazer estas coisas. Vou até ao frigorífico a pisar os detritos, tiro uma garrafa de vinho e sirvo-me de um copo, algo que normalmente reservaria para uma noite de sexta-feira. Mas uma vez que estamos prestes a começar o nosso alegre amanhã, sinto que uma gota de álcool se justifica. — Não me digas, viste o convite!

— Podes crer que vi. Também recebeste uma nota no teu?  
— pergunta a Andrea.

— Sobre fazer emendas?

— O que é que aquilo quer dizer?

Encolho os ombros, mesmo sabendo que a Andrea não pode ver. — Não faço ideia. Talvez só queira mesmo que vamos. Talvez pensasse que íamos mudar de ideia, agora que parece que vai ser um fim de semana do tipo de aventura ao ar livre.

— Não estou incomodada com isso. Não é que nunca tenhamos feito antes uma coisa do género. No ano passado fomos todas fazer aquela caminhada de caridade a Snowdon. Antes dessa, aquele trilho de bicicleta de montanha. Vais estar no teu elemento, de qualquer modo — responde a Andrea.

É verdade, sou viciada em aventura e trabalhar no centro local de turismo de aventura tende atualmente a satisfazer-me o vício em caiaques, escalada e coisas do género. Também dou uma ajuda nas atividades ao ar livre do Prémio Duque de Edimburgo, por isso, não estou particularmente intimidada perante a perspectiva do que a

Joanne preparou para nós. — Vão ser como umas férias de negócios para mim. E tu também não vais ter problemas — comento.

— Sim, é possível, mas estou presa atrás de uma secretária a maioria dos dias desde que tomei conta do ginásio. Conduzi uma aula de aeróbica de grande impacto no outro dia e achei que ia ficar sem pernas a seguir.

— Vai correr bem. Falaste com a Zoe sobre o convite? — pergunto voltando a sentar-me à mesa. Olho para a carta de aspeto oficial que também estava à minha espera no tapete de entrada quando cheguei nessa noite e a empurrei para o lado para ler depois.

— Também não faz ideia do que significa, mas entrou em modo completo de cachorro Labrador fofinho. Está toda entusiasmada: diz que mal pode esperar pelo fim de semana e que acha que a Joanne é absolutamente maravilhosa.

Faço um pequeno sorriso para o meu copo enquanto a Andrea procede a uma imitação perfeita da Zoe, que fica com a voz cada vez mais aguda à medida que aumenta a sua excitação e entusiasmo com alguma coisa. — É demasiado tarde para mudares de ideia — digo.

— Mas seria horrível se eu ficasse derreada com uma gastroenterite — diz a Andrea.

— Nem te atrevas! Fizemos um pacto, lembra-te?

— Talvez estivesse sob o efeito de álcool quando fiz essa merda do uma por todas e todas por uma.

— Prometeste e não podes quebrar uma promessa. Não a uma das tuas melhores amigas. Para além disso, também é o meu aniversário.

— Acho que isso se chama chantagem.

Rio-me ao imaginar o ar sarcástico da Andrea. — Não, a sério, Andrea. Não podes desistir agora. A Joanne ia matar-te.

— Hum... Quando ela disse que era uma surpresa, estava mais à espera que fosse um fim de semana do género *spa*.

Sabes, com roupões brancos fofinhos e manicuras. Cheio de mimos e relaxe.

— Olha, tal como já te disse, acho que é a sua forma de nos compensar por andar tão distante ultimamente. — Ao dizer isto, percebo em silêncio que me estou mais a referir ao modo como a minha própria relação com a Joanne tem corrido nos últimos tempos. Já tínhamos sido muito próximas, mas aconteceram algumas coisas e o equilíbrio da nossa relação mudou, deixando um hiato na nossa aliança.

Faz-se um pequeno silêncio enquanto ambas contemplamos o que sentimos em relação ao fim de semana. A Andrea é a primeira a falar. — Presumo que lhe devamos isso. Sabes, dar-lhe uma oportunidade para compensar a forma como se tem portado desde que assumi o ginásio.

— Isso ainda não está resolvido entre vocês as duas? Achei que a poeira já tinha assentado.

— Mais ou menos. Eu certamente que passei um pano por cima de tudo, mas a Joanne não. Tenho a sensação de que ainda está zangada comigo. Não lhe consigo apontar um dedo ou explicá-lo, mas quando falo com ela, é como se houvesse uma tensão subjacente. Percebes o que quero dizer?

— Hum... percebo. — A Andrea podia estar a descrever a minha própria relação com a Joanne.

— Seja como for, tal como disse, vou dar-lhe uma oportunidade de *fazer emendas*, mas se ela começar de novo a falar sobre ter de trabalhar para mim em vez de ser sócia, lamento, mas não vou ficar de boca calada. Seja ou não o seu quadragésimo aniversário.

— E desde quando é que tu ficas de boca calada, minha querida? — pergunto.

— Acho que fiquei uma vez, em 1986. Mas posso estar errada — responde a Andrea com uma gargalhada. — Adiante, uma vez que não me estás a deixar esquivar-me, é

melhor definirmos o que vai acontecer amanhã. O Alfie sempre vem para minha casa este fim de semana?

— Ainda não chegou da escola, tinha um jogo de futebol de cinco, acho que foi o que disse. Mas sim, está pronto para passar o fim de semana em tua casa. Vai para casa com o Bradley. Tens a certeza de que o Colin dá conta do recado?

— Oh, estará no seu elemento. Jogos e entregas ao domicílio. É um perfeito fim de semana de rapazes.

— É simpático da parte dele. Eu agradeço.

— Quando quiseres. Sabes disso. Embora deva dizer que fiquei surpreendida por o Alfie não ficar na casa da Joanne, com a Ruby e o Oliver.

Ignoro a pequena queda que sinto no estômago à menção da filha da Joanne. É o tipo de sensação sem peso que se tem quando a montanha-russa chega ao cimo do primeiro grande declive e depois demora alguns segundos até os órgãos internos recuperarem da queda. Estou habituada a essa sensação. É certinho como o destino sentir isso sempre que a Ruby vem à baila numa conversa. Como sempre, faço uma recuperação irrepreensível. — Felizmente o Tris também está fora este fim de semana, por isso a Ruby vai ficar com a mãe da Joanne. — Tento manter um tom de voz neutro enquanto os meus pensamentos são atirados para fora de mão, numa trajetória completamente diferente. Se as minhas amigas são a constelação pela qual eu navego na vida, então a Ruby é o buraco negro cujo centro gravitacional é tão grande, que nada, nem mesmo a luz, pode escapar a ser atraída e engolida lá para dentro. Sei disso. Já testemunhei estrelas no meu céu noturno a passarem o ponto de não retorno, no horizonte absoluto do buraco negro, e a desaparecerem para sempre, enquanto outras estrelas ficam a oscilar nas margens, a serem involuntariamente atraídas cada vez para mais perto, até ser impossível voltar para trás.

Forço-me a concentrar-me de novo na conversa. A Andrea está a falar sobre um filme no cinema que o Colin poderá ir ver com os rapazes. Deixo-a falar durante um tempo, antes de chegar ao ponto natural de paragem e a Andrea encerra com: — Muito bem, é melhor eu ir. Vejo-te amanhã de manhã.

— Sim. Até lá. Não me desiludas.

— Quando é que alguma vez te desiludi?

Fico sentada à mesa da cozinha a olhar para o convite durante algum tempo após a chamada, com as palavras da Andrea a repetirem-se na minha mente.

Ela nunca me desiluiu. Nos meus tempos mais negros, quando o Darren se suicidou, esteve sempre lá. «É o que fazem os amigos», disse-me uma vez. «Tomam conta uns dos outros».

Solta-se um suspiro dos meus lábios e pestanejo para longe os pensamentos sobre o Darren para me concentrar nos próximos quatro dias. Apesar de ter garantido à Andrea que ia ser um ótimo fim de semana, as minhas próprias dúvidas começam a vir à tona. Talvez esteja com grandes expectativas em relação à reconciliação. Poderemos honestamente colocar tudo para trás das costas? Mesmo se quisermos, conseguiremos realmente reparar a nossa amizade fraturada ou é só mais um buraco negro num horizonte não muito distante?

*Quantas vezes é que mentiste a ti mesma? Imagino que tenhas perdido a conta. Deves ter mentido a ti própria todos os dias da tua vida. Tanto que isso se te escapa pela boca com facilidade. Provavelmente nem sequer acreditas em ti neste momento. Podes ser capaz de enganar toda a gente, mas a mim não me enganas.*

*Ouçõ a pena na voz das pessoas, vejo-lhes a compaixão nos olhos enquanto trocam olhares intencionais quando falam de ti. Nem te consigo quantificar quanto detesto isso. Não és merecedora da sua compaixão e, ainda assim, consigo perdoar-lhes. Foste muito cuidadosa a cultivar uma história falsa, a esconder-te por detrás do teu estatuto de viúva enlutada quando os amigos se chegavam demasiado próximo da verdade ou mostravam demasiado interesse pelo teu passado e faziam perguntas que poderiam descascar as camadas de engano que criaste.*

*Tal como disse Shakespeare: «A verdade virá ao de cima.» Tenho sido extremamente paciente, à espera do momento certo para te fazer pagar pelo que fizeste. E agora chegou a hora. Nem acredito que chegou. O meu corpo treme de antecipação e excitação ante a perspetiva dos próximos dias. Tenho o poder nas mãos e vou ter a minha vingança.*

**SEXTA-FEIRA**

## Capítulo 2

— Muito bem, Alfie, vou-me agora embora — digo a espreitar à porta do quarto do meu filho. Fico consternada ao vê-lo ainda na cama. — Não é melhor começares a levantares-te?

— Não me chateies — a resposta é abafada pelo edredão que ele puxa para cima da cabeça.

Olho para o relógio e não me posso dar ao luxo de me demorar mais tempo e, sem grande consideração, puxo pela ponta do edredão do Alfie, expondo-lhe a cabeça e ombros: — Anda lá, precisas de te levantar já.

— Ei! — O Alfie senta-se e agarra no edredão. — Para que é que fizeste isso?

— Para te fazer levantar. Vais chegar tarde à escola. Preciso de me ir embora.

— Não te estou a impedir. Vai.

— Alfie! Levanta-te. Já! — Vou para lhe puxar de novo o edredão, mas desta vez ele está preparado e segura-o com força à volta dos ombros.

— Para com isso! Desaparece!

Ignoro-lhe os maus modos. Há batalhas que não valem a luta. — Sai da cama — insisto.

Não estou à espera que se mexa tão depressa, mas, numa fração de segundo, o Alfie já pulou da cama e está parado mesmo à minha frente. — Já estou a pé, está bem? — ruge-me ele com a cara a centímetros da minha enquanto recebo toda a pujança do seu mau hálito.

— Está bem — respondo recuando um passo e desejando instantaneamente ter pensado duas vezes antes de ter entrado na batalha. Bato com o calcanhar ao fundo da porta do quarto, que vibra violentamente enquanto a esquina se enfia entre as minhas omoplatas. Solto um pequeno grito de dor.

— Acho que se chama a isso carma — comenta o Alfie. Passa por mim aos empurrões, batendo com o ombro contra o meu pelo caminho. — Não é melhor ires andando? Vais chegar atrasada se não te puseres a andar. — Bate com a porta da casa de banho com força.

As minhas tentativas de conquistar uma resposta do Alfie a dizer-lhe adeus pela porta da casa de banho são recebidas com o som do chuveiro na potência máxima.

Normalmente, faria um esforço para suavizar as coisas antes de me ir embora, mas hoje não tenho tempo, e acho que o Alfie está deliberadamente a demorar-se no duche mais do que o habitual para evitar apaziguar a minha culpa e eu poder partir em termos amigáveis.

Enquanto desço a rua, reflito no facto de a batalha de hoje ter sido mansa. Às vezes, as discussões e confrontos podem ser muito piores, e vejo-me a pensar no futuro, quando já não vivermos juntos, e se a nossa relação será melhor nessa altura. Estou cansada do estado de esgotamento emocional em que estamos e anseio por dias mais calmos no futuro, quando estiver sozinha. Antes de conseguir chegar ao fundo da rua, já me estou a sentir culpada por desejar uns dias fora enquanto me recordo de que a culpa de o Alfie ser assim não é dele. É minha.

Doem-me as costas de carregar a mochila durante os meros oitocentos metros que andei desde que saí de casa, e estou certa de que ter batido anteriormente com as costas não está a ajudar, pois doem até ao toque.

Dobro a esquina para a South Street, onde as montras escuras e portas fechadas, ainda a serem levantadas do seu sono pela chegada das empregadas de balcão do início da

manhã, servem apenas para refletir a possibilidade de chuva mais tarde. Ajusto as alças da mochila e chego-as mais para cima dos ombros enquanto me encaminho para o final da rua onde as quatro ruas principais de comércio se encontram, com a catedral da cidade a ocupar uma das esquinas. Examino os bancos que se alinham no passeio, com vista para os jardins da catedral.

A Andrea está sentada no banco do meio, com um copo de esferovite com café numa mão e o telemóvel noutra. Vê-me e acena, ainda com o telefone na mão.

Caminho até ela. — Viva! Apareceste! E foste a primeira. Deves estar cheia de vontade. — Contorço os braços para me libertar das alças, deixo cair a mochila ao chão e sento-me no banco ao lado da Andrea.

— Uma vontade que nem imaginas, eu — diz a Andrea. — Para ser franca, o Colin deixou-me aqui esta manhã para eu não ter de apanhar o autocarro. Não confundas o meu desagrado pelo serviço de transporte público com entusiasmo por estar aqui. — Dobra-se e tira um copo de debaixo do banco, entregando-mo. — Toma, trouxe-te um *latte*.

— Obrigada. — Pego no copo e levanto-o de forma hesitante aos lábios, dando um pequeno gole para medir a temperatura. — Ainda não há sinal da Zoe?

— Mandou-me uma mensagem. Disse que demorava cinco minutos.

— E nenhuma palavra da Joanne sobre o que vai acontecer agora? — Dou um gole mais confiante no *latte* depois de o considerar com uma temperatura aceitável para beber.

— *Nope*. Nada. Por isso, ficamos aqui sentadas à espera — diz a Andrea. Recosta-se contra as tábuas de madeira do banco e comprime os lábios do modo como costuma fazer quando tem alguma coisa em mente. Fico a aguardar que fale. — Sei que disseste que isto era uma oportunidade de voltar a recuperar a nossa amizade, mas não sei bem se as

coisas alguma vez vão voltar ao que eram entre mim e a Joanne. A dinâmica mudou e não me parece que ela consiga lidar bem com isso.

— Tenta ser positiva em relação a isso. Isto pode ser a forma de ela pedir desculpa. — Não quero reacender as chamas da dúvida que consegui extinguir com sucesso antes de me ir deitar ontem à noite. — Olha, são os quarenta anos da Joanne. Talvez tenha percebido a importância de ter boas amigas. Sim, podemos ter tido as nossas pequenas divergências ou desentendimentos, mas a amizade acaba por valer mais do que isso.

A Andrea deita-me um olhar de soslaio. — Precisas de te esforçar mais para me convenceres.

— Vou ser sincera. Ontem à noite, depois de ter falado contigo, de facto pensei que talvez não fosse grande ideia, que talvez o melhor fosse deixar o passado em paz.

— Não é isso que tenho andado a dizer?

— Eu sei, mas outra parte de mim acha que, se isto for a forma de a Joanne pedir desculpa, pode ser uma boa oportunidade para esclarecermos as coisas com ela. Desse modo, talvez as coisas *possam* voltar ao normal.

— É verdade, mas as coisas vão ser estranhas para a Zoe. Não me parece que ela e a Joanne se tenham desentendido sobre o que quer que seja.

— Também pensei nisso. A minha teoria é a de que a Zoe é a embaixadora da boa-vontade nesta viagem.

— Mas porquê todo este segredo? Porquê não irmos jantar fora? Não é isso que as pessoas normais fazem?

— Lembra-te que é da Joanne que estamos a falar. Adora todas estas coisas com grandes mistérios. — Dou uma palmadinha brincalhona na perna da Andrea. — De certeza que nos vamos divertir muito.

Enquanto ambas bebericamos as nossas bebidas, vejo a figura inconfundível de quase um metro e oitenta da Zoe a atravessar a relva da catedral. Tem um saco desportivo pendurado ao ombro, o cabelo louro apanhado num rabo-

de-cavalo e veste umas *leggings* com ténis. Parece mais que vai para o ginásio do que para um fim de semana de aventura. Aceno-lhe.

— Olá, miúdas — cumprimenta a Zoe. — Consegui. Oh, café. É para mim? — Pega no copo que a Andrea lhe estende. — Lindo. Estamos todas prontas para este fim de semana misterioso de aventura? — Esboça um grande sorriso, fazendo-me lembrar uma criança entusiasmada em plena véspera de Natal.

— Sim, a Andrea mal pode esperar — digo piscando o olho à recém-chegada.

A Zoe tira um cartão do bolso. Reconheço imediatamente as letras brancas no convite preto e a nota escrita pela Joanne. A Zoe lê-o em voz alta. — Um «fim de semana de aventura tão cheio de mistérios e surpresas que nem conseguem imaginar.» — Olha para nós as duas. — Como não gostar?

— É com a parte das surpresas que estou preocupada. Sem contar com a parte de fazer emendas — comenta a Andrea.

A Zoe encolhe os ombros. — Adoro surpresas. Pergunto-me o que é que terá planeado para nós.

— Oh, Deus. Não sei se consigo lidar com o teu entusiasmo logo de manhã — diz a Andrea a abanar a cabeça. — Graças a Deus que trouxe vodca. Onde está? — A Andrea mexe dentro da mochila.

Tanto eu como a Zoe nos rimos. — Se os teus clientes soubessem a verdade sobre ti... — diz a Zoe. — Muito bem, o que é que acontece agora? Alguém sabe?

— Acho que é esperar pela Joanne — digo e olho em redor para ver se há algum sinal da famigerada anfitriã.

Como se estivesse à espera, uma monovolume preta encosta ao passeio. A porta traseira desliza automaticamente para se abrir e o condutor dá um toque na buzina.

— Isto deve ser para nós. Que excitante! — exclama a Zoe.

— Ou isso ou então estamos prestes a ser raptadas — diz a Andrea pegando na sua mochila.

Ponho a minha ao ombro e sigo a Zoe para o carro, deixando o *latte* meio bebido no caixote do lixo a caminho.

A Zoe salta para dentro do veículo sem um momento de hesitação. — Oh, isto cá dentro é muito elegante — chamamos ela.

Troco olhares com a Andrea quando chegamos à beira do passeio. A Andrea examina o veículo. — Presumo que isto não seja uma carrinha. Fico ligeiramente mais descansada que se pareça com uma monovolume luxuosa, exatamente o tipo de coisa que a Joanne alugaria.

— Venham, tem imenso espaço. E há um envelope endereçado a nós todas — informa a Zoe.

— Então sem sinal da Joanne? — Empurro primeiro a mochila e subo para o veículo, sentando-me no banco traseiro de costas. Olho pelo ombro para o condutor. É um homem de meia-idade e, pelo que me é dado ver, vestido de fato e gravata. — Bom dia, digo com um sorriso.

— Bom dia — responde sem se virar, mas a olhar para mim pelo retrovisor.

— Para onde é que vamos?

— Lamento não poder dizer-vos isso. É confidencial — responde dando um toque de lado no nariz com um dedo. Mexe-se no banco e estica-se para o lado do passageiro pegando num pequeno saco azul de tecido. — A senhora Aldridge pediu que colocassem os vossos telemóveis neste saco.

— O quê? — A Andrea deixa-se cair no banco. — Não me parece.

— Lamento, mas a senhora Aldridge disse que faz parte da surpresa. Está tudo explicado no envelope, aparentemente.

— Dá-me isso — diz a Andrea, a tirar o envelope das mãos da Zoe. Abre-o e lê a carta em voz alta.

*Minhas queridas senhoras,*

*Então agora estão todas a bordo e na Fase Um da viagem. Espero que aproveem o vosso meio de transporte. Só o melhor para as minhas melhores amigas!*

*Espero que tu, Zoe, estejas toda entusiasmada e mal possas esperar para descobrir para onde vão. Adoras segredos e surpresas, provavelmente até mais do que eu, mas acho que desta vez vou-me rir por último.*

*Andrea, imagino que estejas a franzir a testa neste momento e a chamar-me nomes feios por manter tudo em segredo. Desculpa. Sei que isto vai contra o teu instinto natural de ser a que está ao comando!*

*Carys, tu, imagino que estejas aí sentada a assimilar tudo e a tentar adivinhar a minha próxima jogada, a perguntares-te como reagir a isto e se consegues passar-me a perna. Tenho razão? Aposto que sim. Ah! Ah! Ah!*

*Bom, minhas queridas amigas, não percam mais tempo a tentar inquirir o condutor. Paguei-lhe elegantemente pelo seu silêncio.*

*Vão ter cerca de uma hora de viagem, por isso sentem-se e descontraíam.*

*Sejam, por favor, muito queridas e entreguem os vossos telefones. Não quero ninguém a fazer batota e a ligar as aplicações de mapas.*

*E oh, sim, há champanhe debaixo do banco. Tchim-tchim!*

*Com amor, Joanne xxx*

O condutor abana o saco e passa-mo. Coloco relutantemente o meu telemóvel lá dentro. — Mais vale

entrar no jogo — digo, apesar de eu própria não estar contente com isso. E se o Alfie precisar de falar comigo? Ou o Seb? — Consolo-me com a ideia de que certamente a Joanne nos vai deixar tê-los de volta assim que chegarmos, e que isto é só a sua forma de manter o local em segredo.

— É a prenda de anos da Joanne — diz a Zoe. Também ela coloca o telefone no saco.

Olhamos ambas para a Andrea na expectativa. Instala-se uma pequena expressão desafiadora no seu rosto por um instante, mas depois, com um grande suspiro e encolher de ombros, tira o telefone do bolso do casaco. — Não queremos aborrecer a aniversariante, pois não? — diz de forma pouco graciosa. Entrega-me o telefone, que enfio no saco e depois entrego ao motorista.

— Muito bem, aqui está — digo.

— Hum... — diz a Andrea, deixando a carta da Zoe cair-lhe no colo antes de procurar debaixo do banco. — Onde está o tal champanhe? — Puxa de uma bolsa térmica e ouvimos o som distinto de copos a tilintar. — Ah, ah. Cá está. Muito bem, o que temos aqui? *Prosecco* e três copos. Tipicamente, ao estilo da Joanne, são de vidro e não de plástico. — Formalidades à parte, a Andrea tira os copos e abre a garrafa enquanto o carro arranca do passeio. Apesar dos solavancos nalguns buracos, a Andrea enche com sucesso cada um dos copos. — À nossa!

Não tenho a certeza se consigo aguentar muito álcool tão cedo de manhã, mas sem querer ser desmancha-prazeres, decido juntar-me às celebrações e dar um pequeno gole.

— Então, quem fica a tomar conta do Alfie? — pergunta a Zoe.

— Fica na casa da Andrea durante o fim de semana. Presumo que ele e o Bradley fiquem colados aos jogos, emergindo só para comer.

— O Colin também vai estar no seu elemento, a ver os canais de desporto com zero interrupções — diz a Andrea.

— Quem é que está a tomar conta dos teus rapazes? — pergunto à Zoe.

— Recrutei a ajuda da minha mãe. Os miúdos tentaram convencer-me que aos quinze e dezassete anos não fazia mal deixá-los sozinhos por um fim de semana. — A Zoe revira os olhos. — Não sou assim tão parva! Se o pai deles não vivesse tão longe podiam ter ido para lá, mas tentar levá-los para Liverpool só para passar o fim de semana é praticamente impossível. Para além disso, não lhe quis pedir favores.

A Zoe enfatiza a palavra *lhe*. Acho que nunca a ouvi referir-se ao ex-marido pelo nome. A Zoe é a miúda mais recente de nós as quatro, tendo-se mudado para a zona há cerca de um ano, depois de o casamento ter acabado. Foi um novo começo, disse-nos nessa manhã que tomámos café todas juntas. Não me consigo lembrar de quem fez primeiro amizade com ela. Apareceu um dia no nosso treino de manutenção e quando nos demos conta, já ela tinha metido conversa e estava sentada connosco a tomar café a seguir. Tinha-se simplesmente encaixado. Era como se sempre nos tivesse conhecido e nós a ela. Uma estrela nova para aumentar a nossa constelação.

Enquanto a monovolume sai suavemente de Chichester, olho pela janela à procura de pistas sobre para onde estamos a ir. Dirigimo-nos para norte e na minha mente desenho um mapa tosco da zona onde podemos chegar no espaço de uma hora. Certamente fora de Sussex. Embora ainda haja a possibilidade de ser parte da surpresa e acabemos por voltar ao sítio onde começámos. Não me surpreenderia vindo da Joanne.

Cerca de meia hora mais tarde, o carro sai da estrada principal e desce por uma rua estreita. Há árvores a alinhar a estrada de ambos os lados, bloqueando a maior parte da luz. O carro dobra a esquina, mas não consigo vislumbrar a placa. Nenhuma das minhas companheiras de viagem parece estar preocupada com o nosso destino. A garrafa de

*Prosecco* está agora vazia, a Zoe está ocupada a abrir outra, enquanto a Andrea nos conta que fez uma aula de *spinning* com a equipa local de rãguebi no dia anterior.

— Adoro o meu trabalho, mas nalguns dias ainda o adoro mais — diz ela. — Aqueles jogadores de rãguebi, céus, têm mesmo vigor. Com aquelas pernas todas musculadas. Nem sabia para onde olhar. Bom, sabia bem, se é que me entendem! — Abana-se com a mão e suspira.

— Ah, não nos venhas com essas coisas, só tens olhos para o Colin — digo eu. Por muito que a Andrea goste de inventar que se baba por todos os homens tonificados que vão ao ginásio, ela e o Colin são um casal sólido.

O carro começa a abrandar e as árvores de cada lado da estrada começam a rarear antes de desaparecerem por completo à nossa esquerda. Aparece um pequeno aeródromo à vista.

— Aeroporto Farnstead — leio a placa em voz alta enquanto o motorista vira para dentro dos portões e estaciona num lugar. — Este é mesmo o sítio onde é suposto trazer-nos?

— Mesmo — responde o motorista. Abre o porta-luvas e tira outro envelope. — Aqui está o vosso próximo conjunto de instruções. Enquanto as leem, eu levo isto até ao terminal das partidas. — Levanta o saco de tecido azul e deixa-nos com o envelope.

Desta vez, é a Zoe que lê. — Então, chegaram todas ao Aeroporto Farnstead, a Fase Um da viagem está completa. Agora vem a Fase Dois. Por favor, continuem para o terminal das partidas onde, na receção, vão encontrar um voo reservado para vocês em meu nome. Não se preocupem que não precisam de passaportes, só a fotografia de identificação que vos pedi para trazerem. Desfrutem da vista e até já! — A Zoe levanta o olhar para nós, de olhos a brilhar de entusiasmo. — Ela até nos fretou um raio de um voo!

Vinte minutos mais tarde, estamos sentadas numa pequena avioneta, ainda sem saber nada para onde estamos a ir.

— Claramente dentro no Reino Unido. Embora não possa dizer que esteja particularmente a apreciar estar enfiada nesta coisa. Mal chega a ser um Boeing 747 — diz a Andrea.

— Eu acho excitante — diz a Zoe.

A Andrea olha para cima, para o teto, em desespero.

— Oh, vá lá, Andrea. Não sejas assim tão desmancha-prazeres — digo dando-lhe um toque no pé com o meu. — A Joanne deu-se a imenso trabalho. Descontrai e aprecia.

A Andrea faz outro olhar de exaspero, mas consigo perceber que é só meio sentido. — Eu relaxo quando chegarmos à merda do sítio para onde estamos a ir e os meus pés estiverem outra vez firmemente assentes no chão. — A Andrea espreita para debaixo do banco. — Sem *Prosecco*, desta vez.

Troco um sorriso com a Zoe. A Andrea adora fazer o seu papel de precursora da tristeza e da melancolia.

O piloto é muito simpático, mas também ele foi pago pela Joanne para se manter em silêncio, por isso nenhuma de nós as três tem alternativa a não ser espreitar pela janela e fazer aproximações difíceis das zonas do Reino Unido que estamos a sobrevoar e especular para onde nos estamos a dirigir. Apercebo-me da sensação inquietante de isto estar totalmente fora do meu controlo. A ideia de surpresa da Joanne atingiu novas alturas, literalmente. E não gosto de sentir que estou agora à sua mercê.

## Capítulo 3

Quanto mais a norte nos dirigimos, mais me convenço do nosso destino. — Acho que devemos estar a ir para a Escócia — digo.

— Escócia? Foi para onde a Joanne foi de férias no ano passado — conta a Zoe. — Ela, o Tris e os miúdos foram fazer espeleologia, canoagem e todo esse tipo de coisas.

— Que belas férias, essas... — comenta a Andrea.

Tanto a Zoe como eu olhamos sem expressão para a Andrea. — Pensei que se tinham divertido imenso — digo.

— Sim, tenho a certeza de que sim. — O sarcasmo no tom de voz da Andrea é evidente.

— O que é que é suposto isso querer dizer? — pergunto.

— Ignorem-me. Só quis dizer que o tipo de coisas de turismo de aventura que a Joanne faz não é a minha ideia ideal de férias. — A Andrea lança-me um olhar de soslaio. — O que foi?

— Sabes tão bem quanto eu que não foi o que quiseste dizer.

— Tu não gostas mesmo nada do Tris, pois não? — pergunta a Zoe.

A Andrea parece estar prestes a protestar, mas a parte desafiadora da sua natureza vem ao de cima, alimentada, sem dúvida, pelo álcool bebido anteriormente. — É só choque de personalidades, nada mais.

— Tretas. — Faço de conta que tusso atrás da minha mão, ao que a Andrea responde com o seu melhor e

absolutamente nada convincente ar inocente.

— Idem — responde a Zoe. Muda de posição no lugar. — Porque é que não gostas dele?

— Se querem mesmo saber, é por ele gostar um bocado demasiado dele próprio — responde a Andrea. — Acha que é uma dádiva de Deus para as mulheres.

Rio-me. — Ele sempre foi assim. Juro que leva mais tempo a arranjar-se do que a Joanne. Deviam ver os produtos de beleza dele. Antirrugas daqui, brilho saudável dali. Deve gastar uma fortuna.

— Nada mais a declarar — diz a Andrea.

— Só porque um tipo cuida de si, não pode ser base para não se gostar dele. Isso é um pouco superficial, até mesmo vindo de ti. — Há um tom irritadiço na voz da Zoe e sinto o humor da Andrea a mudar.

— Não tem nada a ver com o facto de eu ser superficial, muito obrigada. Na verdade, tenho outras razões.

— Tais como? — A Zoe claramente não faz questão de esquecer o assunto.

— Tais como... — A Andrea faz uma pausa. — Muito bem, se querem mesmo saber, ele fez-se a mim uma vez.

— O quê? — dizemos eu e a Zoe em uníssono.

— Há uns Natais atrás. Vocês sabem, naquela festa a que fomos a seguir ao Natal.

Aceno e lembro-me que foi o último Natal em que o Darren esteve vivo. Havia um ambiente estranho nessa noite e não era só por causa da discussão que eu e o Darren tivemos antes de termos chegado. A Joanne andava desconfiada e o Tris estava bastante bêbado logo ao início da noite. Tinha pensado muitas vezes naquela noite, desde então, e percebido que a Ruby, a filha de Joanne, já tinha lançado a sua bomba e que a queda estava a acontecer mesmo diante dos meus olhos, mas em tamanha câmara lenta que nem notei.

— O Tris fez-se a ti? A sério? Tens a certeza? — O tom de voz da Zoe traz-me de volta dos meus pensamentos.